



Antonio López Hidalgo

María Ángeles
Fernández Barrero

Professores da Universidade
de Sevilha.

Os Caminhos da Imersão na Era do Jornalismo Transmidiático: do papel à realidade virtual

Resumo

Em um contexto caracterizado pela profunda crise que sofre a profissão, o jornalismo de imersão abre um panorama de luz neste contexto de sombras. O jornalista busca novos métodos para indagar as fontes informativas e adentrar no coração daquela realidade que pretende contar posteriormente. A imersão do profissional no lugar dos acontecimentos durante um tempo determinado se mostra como a fórmula mais factível. A própria escritura, aquilo que se convencionou chamar de jornalismo narrativo, oferece novidadeiros recursos de expressão, assim como novos formatos e gêneros, enquanto que os meios audiovisuais oferecem ao espectador, com a mediação da tela, uma vivência imaginada. A miniaturização dos dispositivos de gravação e a câmera oculta potencializaram os recursos audiovisuais nesse sentido. De fato, os caminhos do jornalismo de imersão seguem o rastro das inovações tecnológicas. As redes sociais potencializaram experiências de imersão parciais, que favorecem o contato do jornalista com grupos de risco, e completas, em que a infiltração se desenvolve de maneira integral na rede. Ainda assim, a realidade virtual e as técnicas dos videogames oferecem ao cidadão a possibilidade de viver as experiências transmitidas e vividas pelos jornalistas, naquilo que já se conhece como jornalismo imersivo.

Palavras-chave: Jornalismo de imersão; jornalismo de infiltração; redes sociais; jornalismo imersivo; realidade virtual; jornalismo de investigação.

Resumen

En un contexto caracterizado por la profunda crisis que sufre la profesión, el periodismo de inmersión abre un panorama de luz hasta ahora lleno de sombras. El periodista busca nuevos métodos de indagar en las fuentes informativas y de adentrarse en el corazón de aquella realidad que pretende contar a posteriori. La inmersión del profesional en el lugar de los acontecimientos durante un tiempo determinado se muestra como la fórmula más factible. La propia escritura, en lo que se ha dado por denominar periodismo narrativo, ofrece novedosos recursos de expresión, así como nuevos formatos y géneros, mientras que los medios audiovisuales ofrecen al espectador, con la mediación de la pantalla, una vivencia imaginada. La miniaturización de los dispositivos de grabación y la cámara oculta han potenciado los recursos audiovisuales en este sentido. De hecho, los caminos del periodismo de inmersión siguen la estela de los adelantos tecnológicos. Las redes sociales han potenciado experiencias de inmersión parciales, que favorecen la toma de contacto del periodista con grupos de riesgo, y completas, en las que la infiltración se desarrolla de manera íntegra en la red. Asimismo, la realidad virtual y las técnicas de los videojuegos ofrecen al ciudadano la posibilidad de vivir las experiencias transmitidas y vividas por los periodistas, en lo que ya se conoce como periodismo inmersivo.

Palabras clave: Periodismo de inmersión; periodismo de infiltración; redes sociales; periodismo inmersivo; realidad virtual; periodismo de investigación

1. INTRODUÇÃO

No jornalismo de imersão, o profissional adentra um ambiente, comunidade ou situação, durante um tempo determinado para experimentar em sua própria pele as vivências que um dia contará, interagir com os habitantes desse microespaço e depois narrar de uma perspectiva pessoal e empática aqueles recortes de vida. Como método de investigação, essa modalidade de jornalismo se propõe a compreender através da experimentação e, conseqüentemente, o redator narrará os acontecimentos com alto grau de ética e subjetividade.

O jornalismo de imersão não nasce no fim do século XX, mas um século antes. Como agora ocorre na América Latina, a denúncia social constituiu a base do jornalismo *muckraking*. São os jornalistas perseguidores de escândalos, o lixo da imprensa. O termo foi cunhado pelo próprio presidente Roosevelt. O contexto social, político e econômico assim o exigia: corrupção política e empresarial, pobreza, analfabetismo, péssimas condições de trabalho, imigrantes. A realidade impõe os temas. Os jornalistas, o método. O jornalismo *muckraking* deixou escrito com tinta indelével diversos nomes para a posteridade, entre os quais os cronistas latino-americanos de hoje puseram seus olhos: Jacob Riis desmascarou escândalos imobiliários em Nova Iorque; em 1904, Upton Sinclair se infiltrou durante seis semanas em um matadouro para denunciar as condições de insalubridade com que se trabalhava em um centro de processamento de carne. Seu livro *The Jungle* incentivou reformas legislativas. John Reed não foi observador indiferente em *Dez dias que abalaram o mundo* (1918), no qual narra os primeiros dias da revolução russa de 1917. Atualmente, a jornalista argentina Leila Guerriero soube plasmar muito bem o espírito do jornalismo de imersão na crônica *Los suicidas del fin del mundo*, em que narra uma onda de suicídios que comoveu a pequena localidade petroléira de Las Heras. Martín Caparrós também é um jornalista argentino. Jornalista de imersão. Um dos melhores narradores da América Latina. E sem dúvida: o mais inovador.

O jornalismo encoberto ou de infiltração constituiu uma modalidade de jornalismo de imersão

baseado na ocultação da identidade. Aqui, o jornalista se põe no lugar dos outros experimentando situações dos outros. Este não é um fenômeno novo. Remonta às primeiras décadas do século 20 nos Estados Unidos. Jack London se vestiu de mendigo para passar despercebido pelo ambiente do East End de Londres, um dos bairros mais pobres, e contou sua experiência em *The People of the Abyss* (1903). Nellie Bly se infiltrou em um manicômio e contou a experiência em *Diez días en un manicomio*. Esse livro foi qualificado pelo diário *The Guardian* (2011) como uma das dez melhores produções da história do jornalismo. A jornalista mexicana Lydia Cacho é a profissional mais representativa hoje na América Latina desta modalidade de jornalismo. Para escrever *Esclavas del poder*, colocou em prática os ensinamentos do jornalista alemão Günter Grass. Com a colaboração de organizações não-governamentais, caminhou pelo bairro de La Merced disfarçada de noviça, com lenço branco e traje negro. Também se disfarçou de prostituta. Foi sequestrada, ameaçada e sofreu o exílio.

O jornalismo gonzo vai mais além. Constituiu uma modalidade de jornalismo de imersão no qual se prioriza o protagonismo do jornalista, cuja participação nos fatos investigados pode condicionar ou alterar o curso dos acontecimentos. Hunter S. Thompson (Estados Unidos, 1937-2005) cunhou o termo. Seu livro *Hell's Angels* o exaltou como um narrador excepcional. Ele gostava de viver, das armas e de ser o centro da atenção de todas suas crônicas. Essa modalidade de jornalismo teve, desde logo, outros pioneiros. O mesmo fez Nellie Bly em *La vuelta al mundo en 72 días* e, sobretudo, George Orwell em sua magnífica obra *Sin blanca en París y Londres*. Na América Latina, o mexicano Carlos Velázquez também praticou jornalismo de imersão em *El karma de vivir al Norte*, em que descreve o que significa viver em uma das cidades mais perigosas do mundo. Mas talvez seja a peruana Gabriela Wiener quem melhor soube entender e exercer o jornalismo gonzo na América Latina. Ela também praticou o jornalismo de imersão e encoberto, e já se infiltrou em prisões em Lima, se expôs a trocas sexuais em clubes de *swingers* e participou de um ritual de ingestão de ayahuasca na selva amazônica.

Muito próximo do jornalismo gonzo, o argentino Emilio Fernández Cicco cunhou um novo termo para definir uma maneira particular de abordar a profissão: jornalismo *border*¹. Ou seja, jornalismo de bordas, fronteiro, louco. Ele abandonou o jornalismo para assistir autópsias forenses, se empregou como cozeiro, como assistente de boxeador, foi uma espécie de michê e também anfitrião de tangos e nudista. Quando voltou ao jornalismo, era outra pessoa. Havia descoberto que a “realidade real” não tinha espaço nos meios de comunicação. Cicco conta o que o move a praticar tal tipo de jornalismo: “Se posso vivê-lo, por que querer que outros me contem?”. O jornalista *border* se inspira em Colombo, o detetive protagonizado por Meter Falk. Seu aspecto ingênuo o abria portas e confissões íntimas.

O chileno Juan Pablo Meneses cunha um novo termo: jornalismo *cash*. O próprio autor traduz a fórmula: “comprar e logo contar, consumo + escrita” (Meneses; 2013, p.; 9). O jornalismo *cash* vai além do jornalismo de imersão, e mais ainda do jornalismo gonzo e *border*. O jornalista *cash* é protagonista da história, mas ao mesmo tempo está envolvido diretamente no empreendimento que pretende narrar. Para Meneses (2013), trabalhar com a realidade poder ser um grande exercício de ficção. No jornalismo *cash*, essa contradição não é somente uma constante, mas a matéria-prima deste novo projeto de escritura + consumo. Em *Niños futbolistas*, o autor narra como atua para comprar um jogador de futebol e assim dar conta do negócio desses meninos que aspiram jogar no Barcelona ou Real Madri. Em *La vida de una vaca*, Meneses conta como comprou um vitela e como transcorre a vida do animal ao longo de três anos, até ele chegar à churrasqueira, com a finalidade de documentar o funcionamento da indústria de carnes na Argentina. O tom confessional, comprometido com a realidade, autobiográfico, é também sinal de identidade do jornalismo *cash*.

Em todo o caso, a imersão, em qualquer de suas modalidades, permite ao jornalismo contar a história em primeira pessoa, como testemunha que é dos fatos. Por essa razão, o profissional está longe da objetividade da reportagem, tão em voga na segunda

¹ Nota da tradução: sinônimo de margens, fronteiras.

metade do século XX, e adentra na crônica. Mas esta crônica de imersão é diametralmente diferente da crônica de atualidade. Não tem relação direta com a realidade precíval do dia, está escrita em primeira pessoa, opinião e informação se confundem, e o papel do narrador é tão relevante que, em muitas ocasiões, também é protagonista dos acontecimentos que narra. Nessa empatia com a realidade confluem ética, compromisso e subjetividade. O jornalista narra sem rechaçar suas emoções e seus pontos de vista. Foge da retórica de distanciamento imposta pelos manuais de estilo dos jornais e começa e começa a impor-se com a aparição do telégrafo e da constituição do jornalismo como empresa capitalista. A terceira pessoa do singular do narrador e a pretendida objetividade, obscuro objeto de desejo de um estribilho que atravessará todo o século XX, não são válidas para observar a realidade deste ângulo. A objetividade, como método de trabalho, sim: comparar e verificar. A objetividade como aspecto ético, não. Estes textos jornalísticos redundaram ainda mais na renovação da linguagem, em outros recursos menos usuais da profissão, assim como na hibridação dos gêneros, que dará lugar a mensagens nas quais confluem em uma mesma narração crônica, ensaio, entrevista, autobiografia ou perfil, entre outros. Uma diferença que nos permite falar da narrativa jornalística na América Latina como um novo boom da literatura latino-americana.

2. O JORNALISMO DE IMERSÃO NOS MEIOS AUDIOVISUAIS

O jornalismo de imersão encontrou também nos meios audiovisuais um importante nicho de audiência, especialmente na televisão, onde a tela oferece uma janela ao espectador de onde contemplar com seus próprios olhos as vivências experimentadas pelo jornalista durante o processo de imersão.

Pelo contrário, no rádio, essas técnicas jornalísticas têm ficado relegadas a experiências efêmeras em programas de humor. Na fugacidade e no imediatismo do discurso radiofônico, e em sua estrutura atual de programação informativa, o jornalismo de imersão não encontrou um suporte adequado e a simulação, quando realizada em programas informativos ou de

entretenimento, já causou mais de um desgosto. Não há como não lembrar o caso do Grupo Risa, que colabora no programa de Federico Jiménez Losantos na *Cope*, quando um dos seus integrantes, em 2005, se passou pelo então presidente espanhol Rodríguez Zapatero em telefonema ao presidente da Bolívia, Evo Morales. Pretendiam parabenizá-lo por sua vitória e convidá-lo para uma visita oficial à Espanha, mas a pegadinha virou um incidente diplomático. Ou mesmo a mentira relacionada ao secretário do presidente da *Generalitat*, Artur Mas, por parte de um jornalista da *Catalunya Radio*, que conseguiu falar com o rei Juan Carlos I, com o consequente mal-estar na Casa Real.

Alguns episódios, pela magnitude das consequências, se desdobraram em acalorados debates em torno da idoneidade deste tipo de programa, como a ousada piada de um casal de locutores da rádio australiana *2dayFM* à enfermeira que atendia Kate Middleton num hospital de Londres, onde se encontrava internada por complicações na gravidez. Os locutores se fizeram passar pela rainha Isabel II e o príncipe Carlos para perguntar para a enfermeira Jacintha Saldanha sobre o estado da duquesa. Três dias depois, Jacintha se suicidou, o que foi interpretado como uma resposta ao assédio e aos insultos dos meios de comunicação.

No que diz respeito à televisão, a imersão e o encobrimento ou infiltração com fins informativos também tem explorado ao máximo a espetacularização oferecida por este meio. De fato, muitas das experiências se traduzem em crônicas, documentários ou programas de televisão baseados no uso da câmera oculta, um recurso que, do ponto de vista legal e ético, conta tanto com detratores como defensores. Nas últimas décadas, seu uso se excedeu tanto que alguns autores o consideram já um gênero em si mesmo, o *infoshow* com câmera oculta. Para Mercado (2005, p. 107), se trata de um gênero de entretenimento e espetáculo próprio da nova televisão, que se generalizou na Espanha “em um contexto caracterizado pelo incremento do sensacionalismo, pela proliferação de mini câmeras e microfones invisíveis”. De sua parte, Mónica Gómez Martín (2005) destaca o uso que se faz de recursos audiovisuais como a participação do

público, programas de variedades, *games*, e inclusive ficção para criar “uma forma de informação convertida em grande espetáculo de horário nobre”.

Em sentido estrito, a câmera oculta possibilitou grandes investigações jornalísticas dirigidas especialmente para despertar a consciência social sobre as questões que geram inquietudes, alarmes ou prejuízos entre os cidadãos, como as tramas de corrupção política, exploração sexual de mulheres e maus tratos aos velhos nos asilos, entre outros muitos temas e trabalhos.

De fato, os avanços tecnológicos e a miniaturização dos dispositivos de gravação e escuta permitiram na última década um uso tão dissimulado que grandes artífices do jornalismo encoberto, como Günter Wallraff (na reportagem “Negro sobre branco”, publicada em *Con los perdedores del mejor de los mundo*, 2010) ou Antônio Salas (em *El Palestino*, por exemplo, publicado em 2011), se aventuraram a portar instrumentos deste tipo para conservar elementos probatórios, assim como a posterior elaboração de documentos baseados em suas imersões, além do relato escrito. Normalmente, tratam-se de documentários comercializados em circuitos de televisão minoritários, ainda que algumas vezes tenham feito acordos importantes que possibilitaram a difusão do trabalho em cadeias de grande audiência, como os documentários de Antônio Salas, que chegaram a ser exibidos, na Espanha, no *Antena 3* y *Telecinco* em horário nobre.

No entanto, o abuso da câmera oculta também gerou numerosas críticas, com sentenças como a do Tribunal Constitucional espanhol de 27 de fevereiro de 2012, que censurou o seu uso em uma reportagem de investigação que se infiltrou na consulta de uma esteticista. Mercado (2005, p. 106) afirma que na televisão espanhola se tem assistido à exibição de pseudo-reportagens de investigação baseadas no uso de câmeras ocultas”, uma tendência que, segundo a autora, foi favorecida por diversos fatores, como o paulatino crescimento do número de espectadores interessados em conteúdos sensacionalistas e a proliferação de mini câmeras e microfones invisíveis.

Essas situações, em qualquer caso, não devem impedir de valorar os numerosos trabalhos de imer-

são e ocultação que, com distintos formatos, se desenvolveram no âmbito das pequenas produções, em que, longe da espontaneidade que podem aparentar, há um intenso trabalho de documentação. De fato, recursos tão frequentes como a preponderância de planos subjetivos e a recorrência da câmera no ombro, como em programas de televisão como *Callejeros* ou *Comando Actualidad*, dão um aspecto mais caseiro ao produto audiovisual, mas, na verdade, são fórmulas para potencializar a subjetividade com a qual o espectador se envolve, junto à intervenção explícita ou participação ativa do jornalista.

Todos esses produtos pressupõem um minucioso trabalho de documentação, pré-produção, planejamento, realização e pós-produção, assim como a adequada preparação física e mental do jornalista, que frequentemente adentra ambientes hostis e arriscados.

Um exemplo representativo deste tipo de jornalismo de imersão é o programa de televisão *21 días*, do canal espanhol *Cuatro*, baseado em um modelo de programa desenvolvido por Morgan Spurlock para o canal americano FX, com o título *30 Days*. Com o formato de *docu-reality* e periodicidade mensal, *21 días* estrutura cada programa em torno de uma única reportagem na qual o jornalista narra sua imersão e sua experiência continuada durante 21 dias, nas 24 horas do dia, em comunidades e situações díspares, convivendo com seus habitantes. A jornalista Samanta Villar, encarregada de apresentar as imersões durante as duas primeiras temporadas do programa (2009 e 2010) esteve três semanas sem comer e conviveu com pessoas que padecem de enfermidades relacionadas a transtornos alimentícios; passou outras três semanas fumando maconha para comprovar os efeitos do consumo prolongado desta droga; outras três vivendo na intempérie; também três semanas em uma mina boliviana; foi até detida durante a imersão dedicada a ser vendedora ambulante, por suposto roubo de sucata. E em *Nueve meses con Samanta*, os telespectadores puderam conhecer a gravidez da jornalista e ao nascimento de seus gêmeos, narrado como uma experiência de imersão.

Em países onde a imprensa carece de escrúpulos para a utilização desses dispositivos, os canais de

televisão, públicos e privados, tampouco renunciam a seu uso. Na Grã-Bretanha, por exemplo, o prestigioso canal de televisão BBC realizou reportagens de investigação muito interessantes com este método: entraram nas minas de Marangue, no Zimbábue, para denunciar os abusos e as torturas no mercado de diamantes; na Bulgária, este mesmo canal denunciou em 2010 uma rede de tráfico de menores, dedicada a recrutar meninos, com o consentimento dos seus pais, para serem levados ao Reino Unido para venda; e em Bristol gravou as torturas que alguns empregados dispensavam a pacientes com disfunção motora severas em uma clínica psiquiátrica privada.

3. O USO DAS REDES SOCIAIS NA IMERSÃO

Além do uso de mini câmeras e microfones, as redes sociais também começaram a proporcionar um ambiente farto para o jornalismo de imersão e, concretamente, para a modalidade de anonimato e infiltração. Nesses casos, o jornalista geralmente cria uma falsa identidade para adentrar em coletivos perigosos e grupos com natureza criminal, nos quais resultaria muito difícil entrar sem a mediação da rede, pelo anonimato que os envolve, pela distância cultural e pela sua presença disseminada em distintos países, frequentemente hostis para o exercício informativo. Geralmente são grupos para quem as redes sociais também constituem um elemento de coesão e uma ferramenta para a captação de adeptos.

Na França, onde o terrorismo jihadista golpeou com força nos últimos anos, diferentes jornalistas se aproximaram de grupos terroristas por meio de experiências de imersão, como ocorre com Sahid Razim, pseudônimo do repórter que conseguiu adentrar em um grupo de treinamento de futuros terroristas do Estado Islâmico e que gravou com uma câmera oculta sua estada durante três meses neste centro. O resultado de sua imersão é o documentário *Soldats d'Ala*, (Os soldados de Alá), gravado com câmera oculta e exibido pelo Canal + França. Embora Razim tenha entrado fisicamente no acampamento dos terroristas, as redes sociais, concretamente o Facebook, tiveram um papel fundamental no seu trabalho na medida que facilitou o contato com o grupo.

Contudo, o caso mais emblemático foi o da jornalista francesa Anna Erelle. Pseudônimo de uma jornalista *freelancer*, de trinta e poucos anos, adotou a personalidade de Mélodie para adentrar no mundo dos jihadistas por meio das redes sociais. A jornalista verificou as confidências de quem aspira casar com o braço direito do califa do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi. Ele conta segredos à sua “futura esposa” e desvela os métodos que utilizam para convencer jovens e convertê-las em adeptas incondicionais da causa islâmica. Mélodie se converte ao islã quando conhece o chefe de uma brigada islamita através do Facebook. Em poucos dias, Abu Bilel fica atraído pela jornalista, chama-a dia e noite, e insiste para que viaje para a Síria e se reúna com ele para fazer sua jihad. O terrorista ainda pede que a jornalista se case com ele e promete uma vida paradisíaca. Desde então, a vida dessa jornalista corre perigo. Ela vive protegida pelo Ministério do Interior francês com identidade falsa. Naquele momento, o Estado Islâmico lançou uma *fatwa* contra ela pedindo sua morte. Os feitos que a jornalista francesa narra no livro *En la piel de una yihadista* ocorreram na primavera de 2014, dois meses antes da tomada de Mosul pelo Estado Islâmico, a segunda maior cidade do Iraque, e seu líder, Abu Bkr al-Baghdadi, se autoproclamou califa.

Ela queria entender como funciona a captação de jovens para a jihad nas redes sociais e queria contar como é possível que garotas de 20 anos abandonem cidades como Paris ou Bruxelas, sem nenhum equipamento, para viajarem mais de quatro mil quilômetros de distância, colocar a burca e empunhar um Kaláshnikov. A referida jornalista havia escrito reportagens sobre os subúrbios franceses e o jihadismo e tinha um perfil falso em uma rede social para investigar esses mundos virtuais, embora reais. Em uma noite de abril de 2015, ela vê um jihadista francês com óculos Ray-Ban espelhado em um carro 4x4. Exibe uma metralhadora Uzi e outra M16. Erelle compartilha o vídeo a partir do seu perfil falso e imediatamente recebe três mensagens privadas. São de Abu Bilel. É o começo. Ela não sabe o que fazer – confessa em seu livro. E se confunde no debate ético que todo jornalista incorre e deve incorrer: se é ético obter informação ocultando a própria identidade. A comunicação entre ambos se consolida pelo Skype

durante um mês em que Bilel chega a propor casamento para que a jornalista se mudasse para a Síria.

As comunicações foram intermediadas pelas autoridades francesas enquanto a jornalista redigia a reportagem e duas filiais da rede de recrutamento e capacitação jihadista foram desmanteladas. O medo não deixa de acompanhá-la. Suspeita que Bilel não esteja morto. Muitos de seus amigos se afastaram para se proteger. Pela internet e nas redes sociais circulam ameaças contra sua vida, e o governo a incluiu em um programa de proteção.

Com o título “Nas entranhas da jihad 2.0 com Abu Bilel”, o jornal *El País* informava da iminente publicação do livro de Erelle na Espanha. Os comentários à notícia demonstram o posicionamento do público a favor e contra esses trabalhos de imersão e encobrimento, que despertam tantas paixões e ódios.

Os detratores questionam a ética desses meios de comunicação; o perigo em que se colocam em outras formas de informar, pois todo o trabalho pode passar a estar no ponto de mira de um novo ataque; e a revelação de fontes em que se incorre a partir do momento que se facilita a intervenção policial.

A favor, se destaca a valentia da jornalista para adentrar em um ambiente hostil e perigoso, embora os mais críticos observem que a mediação das redes sociais minimiza o risco da experiência, enquanto os terroristas também podem rastrear e localizar infiltrados por meio das redes sociais. Os leitores também valorizam a capacidade de ter sido realizado um jornalismo não só de denúncia e mobilizador, mas também um jornalismo que consegue resultados de fato. Assim, a partir da intervenção das comunicações, a polícia consegue desarticular duas facções do IS na Europa. De igual modo, apreciam a capacidade de Erelle ter encontrado uma fissura e uma debilidade do grupo para acessar tal ambiente: ser mulher.

Precisamente, uma jornalista da BBC, infiltrada nas redes sociais com o nome falso de Zahra, idade fictícia de 25 anos, e vestida com burca, consegue chegar a um grupo radical do IS através dessa brecha. Um dos terroristas, com o pseudônimo de Mario, com ascendentes alemães e italianos, tenta sua cooptação e pede a jornalista em casamento em

somente meia hora de conversa. O vídeo pode ser visualizado no *Daily Mail on line*. Zahra garante ter passado muito medo.

A infiltração nas redes sociais está tão exposta ao risco quanto o disfarce físico nas experiências jornalísticas de imersão. De fato, como revelou o jornal *El Mundo*, o Estado Islâmico conta com sua própria equipe de hackers. Os atentados contra o semanário humorístico francês *Charlie Hebdo* em janeiro de 2015 deflagraram a atividade de ativismo hacker do grupo *Anonymus* contra o IS, evidenciando que estavam diante de um inimigo muito mais forte do que pensavam, sobretudo por conta da identificação de mais de 10.000 contas de Twitter, Facebook e e-mails de prováveis membros e simpatizantes do IS.

A enorme generalização do uso das redes sociais não pode nos levar a pensar em sua simplicidade. A facilidade de acesso e o manejo intuitivo são diretamente proporcionais à perda de privacidade e segurança, aspectos que o jornalista não pode esquecer na hora de planejar uma imersão.

4. O JORNALISMO IMERSIVO

A utilização de tecnologias avançadas e audiovisuais e, concretamente, a criação da sensação de realidade virtual, também está revolucionando o universo da imersão jornalística, mas desta vez para que o cidadão viva também a experiência do jornalista. É o que se conhece como jornalismo imersivo, que faz com que o telespectador, em nova experiência empática, se mova, como um *avatar*, pelos cenários, recriados em 3D, e experimente as situações que se expõem. Trata-se, portanto, de levar o espectador à cena, como se fosse mais uma testemunha da ação. Do ponto de vista técnico, se recorre à gravação de vídeo em 360 graus, que permite ao usuário conhecer vários aspectos ou pontos de vista de uma história em um mesmo momento, assim como visitar lugares inacessíveis.

Segundo Miriam Garcimartin (2014), o *Tow Center For Digital Journalism* da Universidade de Columbia iniciou um projeto que pretende desenvolver protótipos de câmeras e de gravação de áudio que ofereçam uma experiência que se pareça mais

com documentário ou fotojornalismo do que com um videogame, pois “esta nova realidade virtual torna necessária a inovação técnica, mas também narrativa”, dado que “os acontecimentos vividos em primeira pessoa faz os jornalistas se verem obrigados a construir sua narração desafiando as noções clássicas de observação e objetividade”.

Na Espanha, dois grandes veículos, *El País* y *El Mundo*, se lançaram de maneira quase paralela na abertura de canais especializados a aplicativos para a visualização de reportagens imersivas que gravaram ainda de maneira experimental. O *El Mundo* apresentou sua primeira reportagem de jornalismo imersivo em 26 de fevereiro de 2016, um coprodução com *eldiario.es*, *La Sexta* y *Cadena Ser*. Com o título “Campo urbano/cidade rural”, oferece ao usuário a possibilidade de experimentar duas realidades opostas: a vida em uma cidade com mais de seis milhões de habitantes e a calma do mundo rural, expondo planos de 180 graus que se combinam com cenas em 360 graus. De sua parte, *El País* adentrou neste gênero jornalístico em 28 de abril de 2016 com a reportagem “Fukushima, vidas contaminadas”, na qual convidam o espectador a viajar para a “zona zero” do acidente nuclear de Fukushima após cinco anos da catástrofe. Esses trabalhos dão ideia da juventude deste formato, que na Espanha ainda está em fase de experimentação.

As possibilidades das tecnologias de realidade virtual e realidade aumentada, por um lado, e a forte influência do videogame como indústria cultural, por outro, não passam despercebidas por profissionais e investigadores do âmbito jornalístico, fundamentalmente nos Estados Unidos, que começam a interrogar, no final dos anos 1990 e princípios da década seguinte, sobre sua aplicação no ofício de contar o que se passa no mundo.

De fato, o primeiro jornal que realizou um trabalho de jornalismo imersivo, em 2014, foi o *Des Moines Register*, do grupo Gannett (Iowa, Estados Unidos). O projeto se chama *Harvest of change* (Colheita de mudança) e recria uma fazenda em que, por meio de fone de ouvido de realidade virtual *Oculus*, permite caminhar por um ambiente em que vão aparecendo informações, vídeos e fotografias reais que

contextualizam. No entanto, Garcimartín menciona um primeiro experimento anterior, de 2012, *Hunger in Los Angeles*, de Nonny de la Peña, pesquisadora da Annenberg School for Communication and Journalism, da Universidade da Califórnia do Sul. O projeto, apresentado no Sundance Festival, relata a morte de uma pessoa diabética enquanto aguardava na fila de um bando de alimentos da cidade de Los Angeles. O usuário podia situar-se em algum lugar das ações em um cenário virtual em 3D e ver os fatos tal e como ocorreram, com os sons reais, as vozes das pessoas presentes, a sirene da ambulância.... Destes projetos incipientes, a tecnologia avançou o suficiente para dotar as imagens de um maior realismo, embora outro dos grandes desafios seja a generalização e humanização dos sistemas de visualização.

O conceito de jornalismo imersivo aparece vinculado aos óculos de realidade virtual, como *Samsung Gear VR* ou *Oculus Rift* (do Facebook), que se conectam ao celular e ao computador, respectivamente. A Sony trabalha em algo parecido para seu console PS4 e empresas como Apple ou Microsoft embarcaram em projetos similares. De sua parte, Google criou o *Cardboard*, um visualizador de cartão de baixo custo. Outra opção de visualização são os aplicativos específicos. O *El País*, por exemplo, lançou um aplicativo EL PAÍS VR para telefone móvel, disponível nas lojas de iOS e Android. Além de exibir o vídeo como no YouTube, esse aplicativo permite usar uns óculos compatíveis com Google Cardboard para uma experiência mais real. O YouTube supõe uma terceira opção de visualização, em que utilizando o mouse e o computador, ou girando o dispositivo no caso de estar usando o aplicativo móvel do YouTube, é possível acessar a visão dos 360 graus de visão que permite este tipo de gravação. Os grandes meios de comunicação tratam de abrir caminho no âmbito do jornalismo imersivo. Nonny de la Peña deu os primeiros passos em congressos internacionais para mostrar para onde apontam as novas tendências, e grandes meios de comunicação, como o *The New York Times*, já dispõem de um canal de notícias especializado em jornalismo imersivo.

A realidade virtual que tornará visível o jornalismo imersivo é uma tecnologia que gera interfaces

informáticas sintéticas de dois tipos: imersiva e não-imersiva ou semi-imersiva. Na primeira, o usuário tem a sensação de estar envolvido pela representação por computador e que pode percorrer a mesma. Para isso, devem usar óculos, capacetes, luvas e outros dispositivos. O usuário recorre a este espaço digital quando, na verdade, está em um lugar vazio. A segunda modalidade, não-imersiva, se experimenta por meio de uma tela de computador ou de celular, pelos quais a tela física atua como barreira entre os dois mundos (Domínguez, 2013, p. 105). As imagens a 360 graus, a realidade virtual e a realidade aumentada são alguns dos formatos e tecnologias que perseguem estes objetivos. Em vez de ler uma história *on line*, o usuário tem que “fazer” algo para senti-la. Como consequência, as operações interativas servem para que o usuário viva o relato. Por este motivo, pontua Eva Domínguez, a interação não é meramente funcional, mas narrativa. As iniciativas profissionais como jogos e simulações, como consequência, supõem a construção e experimentação de formas narrativas jornalísticas emergentes (Domínguez, 2013, p. 106).

Em resumo, o usuário terá a possibilidade de mergulhar em qualquer acontecimento e presenciar e experimentar com a vista, o ouvido e, inclusive, com o tato e com o olfato, o que ocorre no lugar dos fatos. Assim mesmo, o espectador poderá encenar diferentes papéis: como visitante ou como um personagem presente na história. Mercedes Ortiz assinala, ademais, que o jornalismo imersivo permite romper a brecha entre o juízo moral abstrato e o comportamento humano real. Quer dizer, o usuário poderá chegar às suas próprias conclusões não se baseando somente em suas crenças e preconceitos, mas sendo uma testemunha a mais dos acontecimentos. Contudo, Ortiz encontra algumas limitações na hora de trabalhar com esses novos formatos. Em primeiro lugar, as cenas não podem ser recriadas fielmente pelo computador, pois é necessário material original gravado em situações reais. Em segundo lugar, o jornalismo imersivo é diferente dos videogames informativos ou da *gameficação* aplicada às notícias. Neles, o espectador-jogador toma decisões para alcançar um objetivo e seu avanço se mede por indicadores. Sem dúvida, o espectador de uma notícia

imersiva não pode modificar os acontecimentos. E em último lugar, o jornalismo imersivo está sujeitos às mesmas restrições éticas de todos os meios convencionais, ou seja, a apresentar fatos objetivos livres de preconceitos para que o público tire suas próprias conclusões (Ortiz, 2013).

5. CONCLUSÕES

A imersão não só tem transformado o jornalismo incipiente que busca na realidade virtual e nos videogames novos formatos para que o espectador viva em sua própria pele a realidade sofrida pelos profissionais da informação. É, sobretudo, no jornalismo narrativo onde suas pegadas são mais claras, contundentes e renovadoras. O jornalismo escrito em primeira pessoa se distancia dos diários para encontrar melhor acolhida em revistas e livros. São textos plurigenéricos que rompem com as normas dos manuais de redação. Também os meios audiovisuais são receptivos à imersão, sobretudo a televisão. Em suma, o jornalismo transmidiático, onde confluem diferentes tecnologias, formatos e gêneros, se distancia das mensagens tradicionais às quais costumam se adaptar ou parecem sucumbir a estes novos tempos ainda inexplorados.

REFERÊNCIAS

DAILY Mail On Line, em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3416203/ISIS-thug-takes-just-30-minutes-propose-undercover-reporter-researches-jihadis-online.html>.

DOMÍNGUEZ, Eva. *Periodismo inmersivo*. La influencia de la realidad virtual y del videojuego en los contenidos informativos. Editorial UOC, Barcelona, 2013.

ELOLA, Joseba. ‘En las entrañas de la ‘yihad 2.0’ con Abu Bilel’. *El País*, 22 de março, 2015.

ERELLE, Anna. *En la piel de una yihadista. Una joven occidental en el corazón del Estado Islámico*. Debate, Barcelona, 2015.

GARCIMARTÍN, Miriam “El periodismo inmersivo

revolucionará la forma de contar historias”. *Media-tics.com*, 2014, disponível em: <http://www.media-tics.com/noticia/5173/medios-de-comunicacion/el-periodismo-inmersivo-revolucionara-la-forma-de-contar-historias.html>.

GARCIMARTÍN, Miriam. “Oculus Rift: mucho más que un casco de videojuegos”. *Media-tics.com*, 2015, disponível em: <http://www.media-tics.com/noticia/5214/tecnologias-emergentes/oculus-rift:-mucho-mas-que-un-casco-de-videojuegos.html>.

GÓMEZ MARTÍN, Mónica “Los nuevos géneros de la neotelevisión”. *Área Abierta*, nº 12, noviembre 2005.

LÓPEZ HIDALGO, Antonio; FERNÁNDEZ BARRERO, M^a Ángeles. *Periodismo de inmersión para desenmascarar la realidad*. Comunicación Social, Salamanca, 2013.

MENESES, Juan Pablo. *Niños futbolistas*. Blackie Books. Barcelona, 2013.

MERCADO, M^a Teresa. “El infoshow con cámara oculta: ¿investigación periodística o espectáculo?”. Entrevista *Brújula*, nº 10, AEG-PUCP, Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005, p. 105-113.

ORTIZ, Mercedes. “El periodismo inmersivo y otras maneras de contar lo que ocurre”, 2013. disponível em: <http://www.misapisportuscookies.com/2013/12/tendencias-periodismo-2014/>.

SALAS, Antonio. *El Palestino*. Temas de Hoy, Madrid, 2011.

WALLRAFF, Gunter. *Con los perdedores del mejor de los mundos*. Anagrama, Barcelona, 2010.